



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS: HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA

Jairo Negrão Negrão

TERMINOLOGIA DA SERRARIA TRADICIONAL

ABAETETUBA/PARÁ
JUNHO/2018

Jairo Negrão Negrão

TERMINOLOGIA DA SERRARIA TRADICIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciamento Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística.

Subárea: Terminologia.

Prof.^a. Orientadora: Dr.^a. Maria Adelina Rodrigues de Farias

Abaetetuba – PA

2018

Jairo Negrão Negrão

TERMINOLOGIA DA SERRARIA TRADICIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciamento Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística.

Subárea: Terminologia.

Prof.^a. Orientadora: Dr.^a. Maria Adelina Rodrigues de Farias

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora

Prof. Dr.^a. – Maria Adelina Rodrigues de Farias – FACL /CAAB/UFPA

_____ - Parecerista

(_____)

_____ - Parecerista

(_____)

ABAETETUBA/PA

JUNHO/2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus acima de tudo, pela graça alcançada.

A minha esposa, Isabella, pelos momentos de incentivos para continuar o curso.

As minhas duas filhas Enayra e Inoue, que são a razão da minha vitória, pois a todo o momento que pensei em desistir pela exaustividade ou pelas dificuldades encontradas durante essa jornada, pensava no bem está que um dia poderei propiciar a elas através dessa conquista profissional.

Aos meus pais que dessa vez me apoiaram, me ajudando às vezes financeiramente.

Aos meus irmãos e as minhas cunhadas que sempre tiveram ao meu lado dando apoio.

A minha sogra na pessoa da Paula Quaresmo e ao meu sogro Ivaldenildo Rodrigues.

A todos os meus colegas que também me ajudaram a chegar aqui hoje, as meninas de Barcarena, o pessoal do Moju, o meu colega de Igarapé-Miri, e em especial a galera aqui de Abaetetuba.

Ao tio da minha esposa Edinaldo Quaresma, que cedeu a sua casa sem cobrar nada para morarmos nela durante esses dois últimos anos de curso.

A minha orientadora “fera” Maria Adelina Rodrigues Farias, que me incentivou a sempre dar o melhor de mim.

Também as minhas tias Dulcelina e Erondina, que me deram apoio em alguns momentos de dificuldades.

A minha avó Maria Rodrigues Negrão, que me serve de referencia em persistência e luta pelo que deseja. Ela é semianalfabeta, mais pra mim ela é “Mestra” no que condiz em conhecimento de vida.

Aos meus colegas de trabalho do ponto de moto-taxista do Bradesco.

Ao parceiro Cássio André que dividiu aluguel comigo durante dois primeiros anos de curso.

Aos amigos Grudédio e ao seu Antônio que muitas vezes me socorreram na hora do aperto.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografias 1 - Casa da serraria

Foto 01: caibro

Foto 02: capota

Foto 03: cruz

Foto 04: meia cruz

Foto 05: palha

Foto 06: ripão roliço

Foto 07: tesoura

- Fotografias 2 - Ferramentas

Foto 08: alicate

Foto 09: basqueta

Foto 10: bota

Foto 11: cabo

Foto 12: calibrador

Foto 13: chave de boca e estria

Foto 14: chave estrelinha

Foto 15: fenda

Foto 16: chave L

Foto 17: chave de vela

Foto 18: corrente

Foto 19: fio

Foto 20: graminho

Foto 21: ilhós

Foto 22: lima roliça

Foto 23: lima chata

Foto 24: machado

Foto 25: motosserra

Foto 26: rodo

Foto 27: saibre

Foto 28: tesado

Foto 29: tramadeira

Foto 30: trena

- Fotografias 3 - Maquinários

Foto 31: bancada da serra

Foto 32: bidão

Foto 33: cachorro

Foto 34: caixa da bitola

Foto 35: cantoneira chata

Foto 36: cantoneira de quina

Foto 37: carro

Foto 38: carro de mão

Foto 39: carote de óleo diesel

Foto 40: correia

Foto 41: desfiadeira

Foto 42: dente da serra

Foto 43: eixo

Foto 44: estiva

Foto 45: fiche

Foto 46: guia da serra

Foto 47: luva

Foto 48: mancal

Foto 49: motor

Foto 50: poço da moinha

Foto 51: polia

Foto 52: serra cega

Foto 53: tramalheira

Foto 54: trançado

Foto 55: trilho

- Fotografias 4 - Transporte

Foto 56: boia

Foto 57: bujugo

Foto 58: carataí

Foto 59: jangada

Foto 60: reboque

Fotografia 5 - Produto final da serraria

Foto 61: campo da serraria

Foto 62: monte do sarrafo

Foto 63: monte da tábua

Foto 64: cepo

Foto 65: prancha

Foto 66: ripão

Foto 67: tábua de assoalho

Foto 68: tábua de parede

Foto 69: tábua de polegada

Foto 70: tora

TERMINOLOGIA DA SERRARIA TRADICIONAL

Jairo Negrão Negrão

Maria Adelina Rodrigues de Farias

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo investigar o léxico especializado utilizado pelos profissionais da área da serraria tradicional no município de Abaetetuba-Pa. E também de resgatar e manter essa especificidade salva através de trabalho acadêmico da terminologia da serraria tradicional, realizado na UFPA (Universidade Federal do Pará), no município de Abaetetuba-PA. Tendo como referencial teórico as ciências do léxico, juntamente com os teóricos que são referências na área da terminologia como: (Rey, 1985, p. 159), (Alves, 2001, p. 25), (Barbosa, 1991), (Weinrich, 1979, p. 314), Frubel (2006, p. 62), (Rondeau, 1984, p.1), Maria Teresa Cabré, (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 35), Faulstich (1995) e Barros (2004, p. 100). A metodologia de pesquisa consistiu na ida a campo, em que foram feitas as entrevistas com os profissionais da área, de forma oral, no que resultou a possibilidade de subtrair das gravações e das capturas de imagens os termos-entradas e as variações lexicais, necessário para a produção do glossário ilustrado da terminologia da serraria tradicional.

PALAVRA-CHAVE: Terminologia. Serraria. Glossário Ilustrado. Abaetetuba-Pará.

ABSTRACT: This paper has as aim to investigate the specialized lexicon used by professionals in the area of traditional sawmill in the county of Abaetetuba-PA. And also to rescue and keep this specificity safe through academic work of terminology of traditional sawmill, accomplished in UFPA (Federal University of Para) in the county of Abaetetuba. Having as theoretical reference the sciences of lexicon jointly with the thinkers who are reference in the field of terminology like: (Rey, 1985, p.159), (Alves, 2011, p.25), (Barbosa, 1991), (Weinrich, 1979, p, 314), (Frubel, 2006, p.62), (Rondeau, 1984, p.1), Maria tereza Cabré (KRIEGER and FINATTO, 2004, p.35), Faulstich (1995) and Barros (2004, p.100) the methodology of this research consisted of going to the field, in which were done the interviews with professionals of the area, in oral way, that resulted the possibility of subtract from the recordings and image captures the terms-entries and the lexicon variations, necessary to the production of a illustrated glossary of the terminology of traditional sawmill.

Key words: Terminology. Sawmill. Illustrated Glossary. Abaetetuba-Para.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPITULO I: Referencial Teórico..... | 11 |
| 1.1. A Lexicologia..... | 11 |
| 1.2. Lexicografia..... | 12 |
| 1.3 Terminologia..... | 14 |
| CAPITULO II: Metodologia..... | 15 |
| 2.1. Sobre o município de Abaetetuba..... | 15 |
| 2.2. Levantamento do <i>Corpus</i> | 16 |
| 2.3. Escolhas dos informantes..... | 17 |
| 2.4. Metodologia da coleta de dados..... | 17 |
| 2.5. A estrutura do Glossário..... | 18 |
| CAPITULO III: O “locus” da pesquisa (Narrativa etnográfica)..... | 21 |
| CAPITULO IV: Glossário Ilustrado..... | 24 |
| Considerações Finais..... | 56 |
| Referencias Bibliográficas..... | 57 |

Introdução

Este trabalho tem como tema a “Terminologia da Serraria Tradicional em Abaetetuba-PA”. A seleção do tema se deu em razão de uma necessidade de se registrar tal especificidade da cultura e da economia local, visto que muitas dessas culturas vêm se perdendo com o avanço da tecnologia e da escassez da matéria-prima para o ofício, ou seja, a madeira nativa.

Tem com objetivo documentar o vocabulário utilizado nas serrarias tradicionais que ainda se encontram em funcionamento nas ilhas de Abaetetuba. Para tanto, é preciso investigar de que forma essa linguagem está inserida no meio social, da comunidade local, identificando de que forma essas expressões são utilizadas pelos profissionais da área no município.

Este trabalho é fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos das seguintes ciências do léxico: *Lexicologia*, *Lexicografia* e *Terminologia*. Cujo objetivo em comum destas ciências é o estudo do léxico das línguas, ou seja, do léxico de língua geral e especializada. São elas que vão dar embasamento do meu trabalho, que tem como característica o levantamento da área especializada da produção da serraria tradicional, juntamente com os meios que fazem parte dessa especificidade sendo elas: os seus maquinários, meios de transporte, funcionários, ferramentas e os fatores naturais que compõem os meios dessa área de trabalho.

Fazendo uma referencia ao engenheiro industrial e professor austríaco EugenWuster, que foi o processor da então chamada Teoria Geral da Terminologia (TGT), em 1930. Tendo como objetivo a orientação teórica e metodológica para geração de produtos terminológicos, intitulada *Die Internationale Sprachnormnug in der technik, besonders in der Elektronik*, inspirado em sua tese, defendida no ano anterior.

Durante a pesquisa foram feito o levantamento e a leitura de alguns livros e artigos que pudessem dar o apoio para a produção deste trabalho. Após essas averiguações, sai para a pesquisa de campo em busca dessas coletas de dados, primeiramente pedi a permissão dos informantes, e já com questionário semântico lexical (QSL) em mãos. Fiz as perguntas oralmente com ajuda do gravador do celular para armazenar as informações dadas pelos colaboradores da pesquisa.

O que o leitor pode esperar desta monografia?

Essa monografia tem como objetivo ampliar meus conhecimentos teóricos e metodológicos, no campo do estudo da pesquisa, e ao mesmo tempo me tornar referencial, para os futuros discentes que venham a se interessar pela pesquisa de campo, voltada para a produção de trabalhos terminológicos.

Capítulo I: Referencial Teórico.

1.1. A lexicologia.

A Lexicologia, ciência antiga, tem como objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Esses três problemas teóricos tem merecido pouca atenção dos linguistas. A definição e a identificação da unidade lexical constitui problema teórico complexo com graves consequências em outros domínios, especialmente na prática da Lexicografia.

Dentre os fenômenos de natureza essencialmente lexical que afetam o componente terminológico das línguas estão os neologismos e os empréstimos. No que diferem da gramática:

[...] as variações de uso são de uso mais fortes e mais rápidas em matéria Lexical, e a ação normativa se exerce mais frequentemente e – menos Ineficazmente- nesse domínio, donde o interesse sobre o neologismo, o empréstimo e as estruturas terminológicas. (Rey, 1985, p. 159).

Neologismo e empréstimo são fenômenos lexicais que integram o campo dos estudos neológicos, embora possam ser distinguidos. A diferença reside no fato do primeiro corresponder a uma inovação lexical no interior de um mesmo sistema linguístico e do segundo, de constituir-se numa unidade lexical oriunda de outro idioma. Neste caso, tende-se a falar em estrangeirismo em nosso meio. Fica importante destacar que:

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais Neológicas sempre acompanha o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Como consequência, os estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical. (Alves, 2001, p. 25).

Ora, ao nível do microcosmo lexical, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada segundo duas coordenadas básicas- o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Da conjugação dessas simples coordenadas resulta a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico, evidenciando como a palavra inserida numa cadeia paradigmática

se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infundo de significações linguísticas.

Barbosa alega que no campo das definições, pode-se dizer que a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionalidade e mudanças, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes as suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (Barbosa, 1991).

1.2. Lexicografia.

Já a Lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional. A Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. Embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação.

Ao longo desses últimos séculos a descrição do léxico foi efetivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia; contudo, essa tarefa foi executada como práxis pouco científica. A análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da Lexicografia. É muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos.

Para Krieger & Finatto, 2004, a Terminologia apresenta uma face aplicada, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou Terminológicos e bancos de dados, e a atividade relacionada a essa aplicação é chamada de Lexicografia ou Terminografia, diz ainda que essa última denominação reflete a tentativa de estabelecer um paralelismo com a Lexicografia área correlato à Terminologia. As autoras ressaltam que embora ambas se aproximem em propósitos gerais, as duas áreas não se superpõem, portanto possuem objetos específicos e metodologia que as diferenciam entre outros tantos aspectos.

Assim a Terminografia pode ser definida como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio sócio profissional. (Boulanger, 2001, p.13 apud Krieger & Finatto).

O *dicionário de língua* faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna.

Um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura. Quanto ao verbete, essa microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epigrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. Apesar do fazer dicionário, ser conhecido por algumas pessoas como “objeto de tira-dúvidas”, mas para quem o produz é algo visto como apaixonante:

Fazer um dicionário é um assunto sumamente laborioso que Requer, além de capacidades científicas tão espetaculares Como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com as dos artífices Como paciência, assiduidade, constância, precisão nos Pormenores e – por último mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador. (WEINRICH, 1979, p. 314).

No que tange à elaboração de um dicionário ou glossário de termos¹, por exemplo, de Culinária ou de Direito Ambiental, pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico”, em uma área de saber específica. Mas também pode ser visto como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada. Conforme Frubel (2006, p. 62), explica:

¹ Adotamos junto ao Grupo TERMISUL uma distinção entre um dicionário e glossário. Um glossário, na nossa concepção, implica uma abrangência menor de *corpus* de estudo que a de um dicionário. Um dicionário da legislação ambiental brasileira pressupõe um trabalho exaustivo de reconhecimento da terminologia. Um glossário, por sua vez, compreenderia, usualmente, um segmento dessa mesma legislação.

Conforme os preceitos teóricos estabelecidos pela Lexicografia e que são aplicáveis também à Terminografia, a arquitetura de um dicionário ou de um glossário compreende uma macroestrutura e uma microestrutura. A macroestrutura compõe-se da nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. A microestrutura corresponde à estrutura interna do verbete, ou seja, ao conjunto de informações contidas nos verbetes.

A diferença entre um dicionário tradicional e o glossário Ilustrativo, encontra-se na elaboração ao público que se destina a sua produção.

1.3. Terminologia.

Terminologia tem como objeto de estudo a lexia técnico-científica ou léxico especializado. Embora sua afirmação como disciplina tenha ganhado força apenas em 1930, com as devidas contribuições do engenheiro austríaco Eugen Wuster (1898-1977) com a Teoria Geral da Terminologia (TGT), é muito antiga e surgiu a partir das necessidades de nomear as coisas. Como afirma Rondeau sobre a origem da terminologia:

A terminologia não é um fenômeno recente. Com efeito, tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos em presença de línguas de especialidades, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar, etc. (Rondeau, 1984, p.1).

Dessa forma, a TGT firma-se a partir da necessidade de se conceber as unidades linguísticas carregadas de conceitos técnicos e científicos como objeto particular de análise científica, e a releitura da teoria wusteriana, feita por outros estudiosos da mesma área, reconhece as suas contribuições para o crescimento da Terminologia como ciência autônoma, e nesta nova visão teórica, há o entendimento de que a sinonímia e a polissemia estão presentes nos discursos técnicos, visto que as unidades terminológicas estão em constante evolução.

Acompanhando essas constantes evoluções destaca-se a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. A esse grupo deve-se o pioneirismo no debate sistemático e crítico à Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Na visão de Maria Teresa Cabré é preciso fazer uma releitura da TGT, criticando dentre outros aspectos, a separação conceito do significado, como também o desinteresse pelas estruturas morfológicas e os aspectos sintáticos das unidades lexicais terminológicas.

[...] as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas. De acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Conseqüentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p.35).

A TCT, em pouco tempo, passou a ser referência teórica em grande parte das pesquisas terminológicas realizadas no Brasil. No contexto dos cursos de pós-graduação stricto sensu, muitas dissertações e teses foram (e ainda são) escritas tendo a TCT como embasamento teórico.

Essa grande influência da TCT no Brasil não é sem razão, haja vista que uma teoria descritiva de base linguística parece ser muito mais adequada ao contexto brasileiro: país monolíngue com grande variedade dialetal. Só mesmo uma teoria descritiva para dar conta das especificidades das terminologias aqui praticadas.

Portanto com a constante evolução terminológica, igualmente, avança o interesse dos profissionais da mídia pelos termos técnicos, pois a ciência hoje é o objeto de larga divulgação. Tanto que, se houve um tempo em que se postulava que o conteúdo das linguagens especializadas era de uso restrito aos profissionais da área, atualmente a ciência e a tecnologia tornaram-se objetos de notícia e, nessa medida, deixou de ser apenas para um determinado grupo, passando a ser também objetivo de interesse do público não-especializado.

Capítulo II: Metodologia.

2.1. Sobre o município de Abaetetuba.

Abaetetuba é um município do estado do Pará, pertencente à microrregião de Cametá, mais conhecida como a “pérola do baixo Tocantins”. Localizada no nordeste do Estado do Pará, possui uma área de 1610,743 Km², com uma população aproximadamente de 153 380 habitantes.

Tem como vizinhos em seu entorno os municípios de:

Barcarena.

Igarapé-Miri.

Moju.

Abaetetuba possui uma rede hidrográfica bastante vasta, navegável em quase toda a sua extensão. Existem cercas de 72 ilhas que constituem a chamada Região das Ilhas. O clima é comum da Amazônia, equatorial e super-úmido. Registra-se no município a existência de floresta de terra firme e florestas de várzeas.

A principal atividade econômica predominante no município é o setor terciário (comércios e serviços), que conta com uma ampla rede de estabelecimento das mais diversas atividades. Destacando aqui o setor madeireiro que gera vários empregos de maneira formal e informal. A madeira comercializada no município é destinada para os grandes estaleiros locais, e para o uso da construção civil muito utilizada ainda no município, e a maior parte dessa matéria prima é vindas de outros municípios do Marajó como Breves, Portel, Curralinho, Anajás e outros. Pois a produção local não supre a necessidade. Devido á escassez da matéria-prima e também relacionada às poucas serrarias já existentes no município.

2.2. Levantamento do *Corpus*.

Essa pesquisa foi realizada durante o mês de maio do ano de 2018, sendo que a pesquisa de campo se deu em um final de semana, desenvolvida em duas serrarias localizadas no Rio Panacuera, próxima a comunidade de Nossa Senhora do Bom Remédio, pertencente à Paroquia Nossa Senhora Rainha da Paz, localizada neste mesmo município, mais precisamente localizada a sudoeste de Abaetetuba, fazendo fronteira com o município de Igarapé-Miri. A economia local da comunidade pesquisada esta diretamente inserida na atividade Vegetal, no que consiste o manejo do açaí no verão e na atividade madeireira que acontece o ano todo, o que acaba contribuindo bastante para a manutenção da economia local. Pois a mesma acaba gerando vários empregos, sendo responsável por cerca de 60% das oportunidades de empregos existentes na comunidade local.

Essa pesquisa se deu em apenas dois dias, por ter coincido com outras disciplinas que estava cursando, o que afetou diretamente na minha disponibilidade de ir mais vezes a campo, levando em conta também a dificuldade de chegar até a localidade pesquisada, pois se depende muito da maré, existem semanas que a viagem para a comunidade pesquisada, sai da cidade de Abaetetuba as 11h00min da manha chegando apenas 16h00min da tarde na localidade. O que tornava impossível de pegar os funcionários trabalhando na serraria.

2.3. Escolha dos informantes.

Foram escolhidos como informantes da pesquisa 01 (um) funcionário da serraria do “Piroca” e 01 (um) funcionário da serraria da “Febre amarela”, moradores da localidade e todos do sexo masculino e que atuam na profissão entre (15) quinze e 25 (vinte e cinco) anos e com idade mínima de (35) trinta e cinco e no máximo 55 (cinquenta e cinco) anos, com escolaridade de no máximo o fundamental.

Apenas foi possível entrevistar (02) dois informantes, pelo motivo da falta de disponibilidade. Pois os restantes dos profissionais se negaram a assinar o termo de autorização de imagens.

A tabela abaixo mostra a estratificação social dos informantes selecionados.

Tabela 01- Estratificação social dos informantes.

| Nº | SEXO | PROFISSÃO | ESCOLARIDADE | FAIXA ETÁRIA |
|----|-----------|-----------|--------------|--------------|
| 01 | Masculino | Serrador | 4º Série | 35 Anos |
| 01 | Masculino | Serrador | 2º Série | 55 Anos |

Fonte: Tabela construída a parti da entrevista feita com os informantes.

2.4. Metodologia da coleta dos dados.

Através da observação feita no ambiente onde acontece a produção da serraria tradicional, no rio Panacuera, através do uso de *realiae* da aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL) coletei os dados e (informações) que passaram a constituir o *Corpus* da presente pesquisa (Monografia).

Também fiz o levantamento de fichas sociolinguísticas dos informantes no que consiste o levantamento dos dados sociais sobre os informantes no que diz respeito à idade, escolaridade, profissão, sexo e local de origem.

Este trabalho tem como interesse o registro da linguagem regional do município de Abaetetuba. Mais especificamente, as características dos profissionais que compõem a atividade da serraria tradicional, moradores da comunidade do Bom Remédio no rio Panacuera. A fim de obter a terminologia que codifica o espaço sociocultural desses profissionais.

Foram registradas através do uso do celular 02 (duas) narrativas orais relacionadas às falas dos informantes, em que cada narrativa corresponde, respectivamente, a cada informante entrevistado. Logo os termos coletados para a análise são exclusivamente de língua oral, ou seja, da linguagem utilizada por esses profissionais.

Além das imagens capturadas através da câmera do celular. Também foram realizadas as gravações em formato MP3, das narrativas orais (discursos) dos informantes. Dos quais foram identificados (retirados) os termos que correspondem aos verbetes (termo - entrada) que irão compor o Glossário da Terminologia da Serraria Tradicional de Abaetetuba.

Durante a pesquisa de campo não foi possível à aplicação do termo de autorização de imagens por escrito, essa autorização se deu por via oral. Já que os informantes se sentiram receosos de assinar qualquer documento pelo fato deles trabalharem sem alvará de licença e por medo de futuramente serem punidos ou serem obrigados a pagar multas ao órgão do IBAMA.

2.5. A estrutura do Glossário.

A estrutura do Glossário está organizada de acordo com o campo semântico da especificidade da Serraria, no que corresponde a *macroestrutura* está definida pela: Casa da serraria, Ferramentas, Fatores naturais, Funcionários, Maquinários, Transportes e Produto final. Já a *microestrutura* está de acordo com a ordem alfabética, os verbetes estão destacados em negrito, seguido da categoria gramatical, da definição do termo, da variante e em alguns casos seguidos de nota.

Termo entrada + Categoria gramatical + Definição + variante + nota

O Glossário possui 70 imagens e 105 termos entrada, o que corresponde à lexia especializada presente nos discursos, a saber: derrubar, arrumador, bujugo, calibrador, estiva, desfiadeira, cabo, jangada, e, etc. Quanto à indicação da categoria gramatical dos termos, esta é indicada pelas seguintes abreviaturas:

s.m.: para substantivo masculino;

s.f.: para substantivo feminino;

v.t.: para verbos transitivos;

S.T.: para os sintagmas terminológicos (unidades terminológicas morfossintáticas).

Em relação às variantes encontradas nesse trabalho:

Faulstich (1995), diz que as características no universo de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades a serem estudadas pela disciplina sócioterminológica, que requer métodos próprios para a sistematização de termos e

de variantes. Para a autora, as variantes são resultados dos diferentes usos que a comunidade em sua diversidade social, linguística e geográfica faz do termo.

Neste sentido é que este trabalho se ocupa em falar daquilo que para sócioterminologia é objeto de estudo, isto é, este trabalho se ocupa em fazer a análise e a descrição das variantes terminológicas encontradas na pesquisa realizada.

Embora, segundo a Faulstich (1995) as variantes mais comuns encontradas em trabalhos terminológicos sejam sendo – variante gráfica, variante lexical, variante morfossintática, variante sócioprofissional e variante topo letal ou geográfico – este trabalho por ser realizado apenas com os dados da língua falada (discurso do informante) se deterá apenas com as variantes terminológicas mais recorrentes, encontradas neste trabalho. Assim sendo, este trabalho se ocupará apenas com as *variantes lexicais e morfossintáticas*:

- *variantes lexicais*: são itens lexicais em que estes ou parte destes podem ser comutadas sem que o significado terminológico seja alterado. Ex.: Cabo~ corda, rama~ galho, apito ~ avoador~ comida, jangada ~ balsa, bujugo ~ buda ~ casco, derriba ~ derruba, escabezeira ~ piracema, ponta ~ cepo, virola ~ tábua de laje, tora ~ rolo.

- *Variantes morfossintáticas*: é aquela em que o conceito de um termo não muda por causa da alternância de elementos gramaticais nos sintagmas terminológicos. Por meio da análise dos dados, apenas uma variante foi encontrada. Ex.: Bancada da serra ~ segurança da serra.

Barros (2004, p.100) diz que do ponto de vista de sua estrutura morfossintática e léxico-semântica o termo pode constituir-se de um único lexema ou de uma sequência lexemáticas, isto é, sintagmas terminológicos. O termo pode ser simples, definido de um só radical, com ou sem afixos. – Ex.: caibro, ilhós, etc. – Ou complexo, isto é, construídos de dois ou mais radicais, aos quais podem ser acrescentados outros elementos. - Ex.: tábua de parede, cantoneira de quina, etc.

Os estudos na área terminológica demonstram que o termo sintagmático apresenta-se com maior produtividade nas línguas de especialidades, fato que ocorre com a terminologia da produção da serraria, que embora o seu corpus esteja estruturado com um número elevado de termos simples, possui em sua estrutura alguns termos complexos, que apresentam a seguinte estrutura: substantivo + preposição+ substantivo, substantivo + adjetivo, substantivo + preposição +adjetivo.

Os sintagmas terminológicos são:

- Substantivo + preposição + substantivo: *Chave de vela, nó da madeira, noite de lua, bancada da serra, carro de mão, carote de óleo diesel, dente da serra, guia da serra, monte de sarrafo, monte de tábua, pé da madeira.*

- Substantivo + adjetivo: *Ripão roliço, chave estrelinha, lima roliça, lima chata, madeira boiante, madeira sentante, maré morta, maré lançante, noite escura, cantoneira chata, serra cega, óleo preto.*

- Substantivo + preposição + adjetivo: *Chave de boca estria, chave de fenda, caixa da bitola, cantoneira de quina, óleo dois tempos, campo da serraria, tábua de assoalho, tábua de parede, tábua de polegada, tábua de virola.*

Obs.: variante encontrada que distoa dessa categorização (adjetivo+substantivo).

Capítulo III: O “locus” da pesquisa (Narrativa etnográfica).

Fui durante um final de semana para fazer minha pesquisa de campo, me desloquei da cidade para o rio Panacuera ilhas de Abaetetuba em uma rabeta. Com duração de 3 horas de viagem. Pois só é possível o acesso ao local através dos rios, e para chegar até a comunidade é preciso passar pelo rio da costa Maratauíra, rio Furo Grande e Furo do rio panacuerazinho. Após chegar descansei um pouco, e fui até a serraria do Ivan de Abreu Rodrigues, com idade de 55 anos, segunda série do fundamental menor, morador da localidade, proprietário da serraria “febre amarela” e também serrador sendo um dos informantes. Já no segundo dia fui fazer a entrevista com o Iranildo Abreu Rodrigues, 35 anos, quarta série do fundamental menor, serrador e dono da serraria do “piroca”, segundo informante. Em que os dois me relataram que os processos da serraria acontecem da seguinte forma:

A compra da madeira é feita no momento que o dono do mato vem procurar o dono da serraria para oferecer o produto. Cabe ao serrador se desloca até o mato do proprietário avaliar os pés das árvores de seu interesse de acordo com a espessura, comprimento, e idade da árvore. Após a verificação da matéria-prima o serrador paga ao proprietário a quantidade da madeira que irá tirar.

O dono da serraria pega sua equipe de trabalho e sai às 06h00 horas da manhã para derrubar as árvores de preferência, três dias antes de lua e três dias depois de lua, pois se a árvore for cortada durante dia de lua, a madeira parte ou empena na hora de ser serrada na serraria, juntamente com cinco trabalhadores. Durante o processo de abate, o serrador derruba a árvore no chão e os outros funcionários vão fazer a limpeza da rama da árvore, depois o serrador serra a árvore em toras de 3 metros de comprimento. Depois é feito o caminho para deslocar essas toras para beira (escabeçeira do igarapé), essa deslocação é realizada da seguinte forma, algumas toras são carregadas pelos próprios funcionários e algumas são puxadas através do jacaré (método utilizado para transporte) em que dois vão empurrando atrás da tora e outro vai puxando na frente do cabo até chegar à beira do igarapé, desempenhando o papel de motorista para que a tora não saia do caminho, outro método também utilizado é o uso do búfalo, mas eles não utilizam pelo fato de área que eles trabalham ser de várzeas. Pois dizem que o local mais apropriado para utilização do búfalo é em área de terra firme, onde há mais desempenho por parte do búfalo no transporte.

O almoço é feito no mato mesmo, almoço esse chamado de alvorado ou apito, essa comida é geralmente charque ou peixe salgado. Quando o lugar é difícil da maré

chegar, às toras permanecem em cima da terra, até ter uma maré lançante, pois não é possível tirar essas toras na maré de quarta, maré que antecede á semana da maré lançante, os trabalhadores jogam as toras no igarapé e depois amarram a boia com 8 a 9 pedaços de madeira quando as mesmas são boiantes, e quando são sentantes elas são retiradas através de um bujugo por meio dos caniços atrelados a ele. Quando a maré lançante chega ao local que permanecem as toras, eles abaixam a boia para boca do igarapé ate dar uma quantia grande da balsa, para então ser rebocada a favor da maré (agua quando está no processo de enchente no rio) através de um reboque, embarcação que pode serrabeta ou canoa motorizada, até a serraria.

Após esse deslocamento, a madeira quando boiante, mantem-se amarrada em frente à serraria ou quando sentante permanece amarrada no igarapé que fica próximo a casa da serraria. Até as toras serem colocadas na estiva para depois ser colocada no carro através do uso do cachorro.

Já pronto para começar o trabalho na serraria, o serrador faz antes uma verificação no motor, no carote de óleo diesel, no bidão de água e também dá uma olhada na amolação da serra. Após o devido reconhecimento é dada à continuação da produção. Funciona-se o motor, deixando na regulagem adequada para o trabalho da serragem. Os funcionários se posicionam em suas devidas funções. O cabeçoteiro e o arrumador de tábua colocam a tora no carro, dando o inicio a serragem. Já o serrador e o cabeçoteiro tem a função de controlar o esquadrejamento da tora, até ela ficar na forma de prancha. Para então serem tiradas as tábuas. E enquanto isso o muinheiro tira a muinha do poço da moinha através de uma basqueta e coloca no carrinho de mão para ser jogada no campo da moinha. Já o sarrafeiro ajunta o sarrafo e o coloca no monte e o arrumador de arrumar as tábuas em seu monte.

Outro processo também feito na casa da serraria é a tiragem da ripa, pernamanca e do ripão, que é realizado na desfiadeira. E existem momentos, que deixam o serrador frustrado, é quando a tora tem furo ou está com nó, o que acaba inutilizando a tábua, pois a mesma se quebra.

O produto final da serraria é comercializado em Belém, levado pelos atravessadores da comunidade.

Capítulo IV: Glossário Ilustrado

TERMINOLOGIA DA SERRARIA

Campos Semânticos: Casa da serraria, Ferramentas, Fatores naturais, Funcionários, Maquinários, Transportes, Produto final.

CASA DA SERRARIA

Caibro. s.m.: Componente de madeira roliça que serve como base para a colocação do ripão sobre o mesmo.



Foto 01: caibro. 08/04/2018.

Capota. s.f.: Componente que serve para preencher o espaço vazio entre as cabeças das palhas.



Foto 02: capota. 08/04/2018.

Cruz. s.f.: Componente que fica de atravessado de um lado e outro da casa, servindo de base para a meia cruz.



Foto 03: cruz. 08/04/2018.

Frechal. s.m.: Componente que serve de base para o assentamento dos caibros.

Meia cruz. s.f.: Componente que dá sustentabilidade ao frechal para que o mesmo não venha ao chão.



Foto 04: meia cruz. 08/04/2018.

Palha. s.f.: Componente que tem como utilidade servir de cobertura contra o sol e a chuva na casa da serraria.



Foto 05: palha. 08/04/2018.

Ripão roliço. S.T.s.m.: Componente que serve de base para se pregar a palha.



Foto 06: ripão roliço. 08/04/2018.

Tesoura. s.f.: Componente que mantém a capota preza a cabeça da palha. Para a capota não voar, servindo como atracção.



Foto 07: tesoura. 08/04/2018.

FERRAMENTAS

Alicate. s.m.: Ferramenta que serve para prende ou aperta alguma coisa.

Nota: fecha o dente da corrente.



Foto 08: alicate. 08/04/2018.

Basqueta. s.f.: Caixa de plástico que serve para recolher a moinha que cai da serra.



Foto 09: basqueta. 08/04/2018.

Bota. s.f.: Calçado que serve para proteger as pernas os pés, contra espinhos, cobras é algumas ferramentas.

Nota: Além de dar possibilidade de andar sobre lugares de difícil acesso, incompatíveis a outros tipos de calçados.



Foto 10: bota. 08/04/2018.

Cabo. s.m.: Ferramenta utilizada para amarra as toras na beira da serraria ou para fazer o transporte da jangada.

Variante: Corda.



Foto 11: cabo. 07/04/2018.

Calibrador. s.m.: Ferramenta utilizada para calibrar os dentes da serra.

Nota: Em outras palavras verifica o tamanho do dente, se esta de acordo com o tamanho dos demais.



Foto 12: calibrador. 08/04/2018.

Chave de boca e estria. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada para apertar porcas e parafusos das máquinas da serraria.



Foto 13: chave boca e estria. 08/04/2018.

Chave estrelinha. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada para aperta os parafusos da tampa lateral da motosserra.



Foto 14: chave estrelinha. 08/04/2018.

Chave de fenda. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada para regulagem da aceleração do motor do motosserra.



Foto 15: chave de fenda. 08/04/2018.

Chave L. s.f.: Ferramenta utilizada para tirar o ar da bomba do motor da serraria.



Foto 16: chave L. 08/04/2018.

Chave de vela. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada para aperta ou afrouxar a vela, é também utilizada para aperta ás porcas do saibro.



Foto 17: chave de vela. 08/04/2018.

Corrente. s.m.: Ferramenta de corte do motosserra. É nela que se encontram o dente responsável por adentrar na madeira.



Foto 18: corrente. 08/04/2018.

Fio. s.m.: Ferramenta utilizada para deixar a marca da linha traçada na tora, servindo de guia para o serrador.

Nota: Esse fio é tingido com o carvão existente dentro da pilha deixa uma linha preta como marca.



Foto 19: fio. 08/04/2018.

Graminho. s.m.: Ferramenta utilizada para marcar a espessura da tabua na prancha.

Nota: É muito utilizado no mato, quando o serrador está serrando com o motosserra.

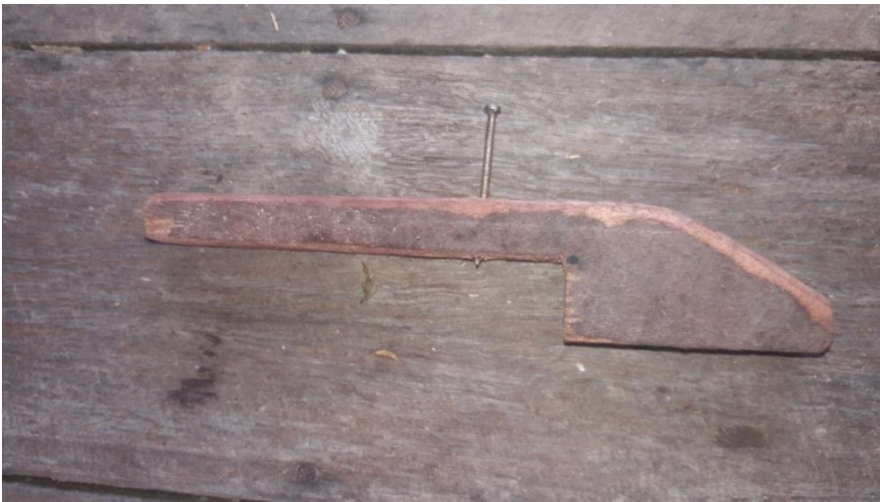


Foto 20: graminho. 08/04/2018.

Ilhós. s.m.: Ferramenta utilizada para manter fixa a tora, na hora de amarra-la com o cabo.

Nota: verificar imagens da janguada.



Foto 21: ilhós. 07/04/2018.

Jacaré. s.m.: Ferramenta utilizada para afundar o dente da serra.

Lima roliça. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada apenas para amolar os dentes da corrente do motosserra.



Foto 22: lima roliça. 08/04/2018.

Lima chata. S.T.s.f.: Ferramenta utilizada para afiar os dentes da serra.

Variante: limatão.



Foto 23: lima chata. 08/04/2018.

Machado. s.m.: Ferramenta utilizada para corta os galhos da árvore.



Foto 24: machado. 08/04/2018.

Motosserra. s.f.: Ferramenta utilizada para derrubar as árvores, é também utilizada para parti ás toras e tirar tábuas.



Foto 25: motosserra. 08/04/2018.

Rodô. s.m.: Ferramenta utilizada para puxar a moinha que fica restando no poço da moinha.



Foto 26: rodô. 08/04/2018.

Saibre. s.m.: Componente que faz parte do motosserra. É o local que a corrente circula.



Foto 27: saibro. 08/04/2018.

Tesado. s.m.: Ferramenta utilizada para cortar a rama e para fazer o caminho do transporte das toras.



Foto 28: tesado. 08/04/2018.

Tramadeira. s.f.: Ferramenta utilizada para tramar a serra, ou seja, consiste em fazer a abertura entre os dentes.



Foto 29: tramadeira. 08/04/2018.

Trena. s.f.: Ferramenta utilizada para medir o comprimento da madeira.



Foto 30: trena. 08/04/2018.

FUNCIONÁRIOS

Amolador. s.m.: Exerce a função de todo o processo da amolação da serra, ou seja, do afundamento a afiação.

Arrumador de tábuas. S.T.s.m.: Responsável pela arrumação das tabuas em monte.

Cabeçoteiro. s.m.: Tem como função auxiliar o serrador na hora de manter a tora em esquadro.

Nota: Esse funcionário precisa ter precisão no que faz, pois um erro do cabeçoteiro pode causar um acidente para o serrador.

Moinheiro. s.m.: Tem como função tirar a minha do poço e levar para o campo da moinha.

Sarrafeiro. s. m.: Tem a função de pegar o sarrafo que sai da tora e arruma o mesmo no monte do sarrafo.

Serrador. S.m.: Tem a função de serrar a tora para tirar as tábuas, tem um amplo conhecimento do ofício.

FATORES NATURAIS

São os elementos da natureza presentes na especificidade da serraria.

Aningueira. s.f.: Componente que serve para flutuar a madeira sentante.

Apito. s.m.: Faz referencia de como a comida e chamada por esses profissionais, é geralmente peixe salgado ou charque, em que é feito a lenha num processo muito curto de tempo.

Termo variante: avoadado, comida.

Afavor. s.m.: Processo que ocorre quando a maré está enchendo e o madeireiro aproveita a força da água para fazer o transporte da jangada.

Andiroba. s.f.: Tipo de madeira serrada para tirar tábuas de parede.

Ananim. s.m.: Tipo de madeira serrada para tirar pernamanca, ripão e ripa.

Madeira boiante. S.T.s.f.: É a madeira que não precisa de boia para flutuar.

Madeira sentante. S.T.s.f.: É a madeira que fica imersa na água.

Maré morta. S.T.s.f.: É a maré que cresce apenas a metade do normal, tonando o difícil acesso a certos lugares, por exemplo: na escabeçeira do igarapé.

Maré lançante. S.T.s.f.: É o fenômeno dado a maré que vai ser muito grande, sendo capaz de cobrir a terra.

Nó da madeira. S.Ts.m.: É um fenômeno que acontece em algumas árvores, sendo apenas em uma parte da madeira.

Nota: A parte que contem o nó, na hora de serrar a tábua ela acaba quebrando no local do nó, fica frágil essa área da madeira.

Noite de Lua. S.T.s.f.: Processo que ocorre de preferencia três dias antes de lua e três dias depois de lua.

Nota: Se a árvore for cortada durante dia de lua, a madeira parte ou empena na hora de ser serrada na serraria,

Noite escura. S.T.s.f.: São os dias ideais para a madeira ser serrada.

Pé da madeira. S.Ts.m.: Está relacionada á árvore quando ela ainda se encontra em pé, ou seja, quando ela ainda está atrelada a sua raiz, que ainda não foi cortada.

MÁQUINAS

Bancada da serra. S.T.s.f.: É a estrutura que contém os componentes da serra.

Variante: segurança da serra.



Foto 31: bancada da serra. 08/04/2018.

Bidão. s.m.: É o deposito utilizado para armazenar a água necessária para a refrigeração do motor.



Foto 32: bidão. 08/04/2016.

Cachorro. s.m.: É o componente que serve de ponte para passar a tora da estiva para o carro do trilho.



Foto 33: cachorro. 08/04/2018.

Caixa da bitola. S.T.s.f.: Tem como função aparelhar a prancha, para a tábua sair na espessura certa.

Nota: Pode ser regulada a qualquer momento pelo serrador.



Foto 34: caixa da bitola. 08/04/2018.

Cantoneira chata. S.T.s.f.: Barra chata de ferro que tem a forma lisa, serve de base para o trilho se desloca para frente e para trás.



Foto 35: cantoneira chata. 08/04/2018.

Cantoneira de quina. S.T.s.f.: Barra de ferro que possui a forma de triangulo.

Nota: Servi de base para o carro do trilho se deslocar, ela tem a função de manter o carro em cima do trilho, pois a roda que fica do lado da cantoneira de quina, possui o afundamento em forma de triangulo o que possibilita o encaixe da roda á cantoneira de quina, para que não ocorra variação no trajeto do carro.



Foto 36: cantoneira de quina. 08/04/2018.

Carro. s.m.: Tem a função de deslocar a tora para frente e para trás no momento de sua serragem.



Foto 37: carro. 07/04/2018.

Carro de mão. S.T.s.m.: É utilizado no transporte da moinha do poço para o campo da moinha.



Foto 38: carro de mão. 08/04/2018.

Carote de óleo diesel. S.T.s.m.: Recipiente utilizado para armazenar o óleo diesel, responsável pelo funcionamento do motor da serraria.



Foto 39: Carote de óleo diesel. 08/04/2018.

Correia. s.f.: É responsável por fazer a serra girar em alta velocidade, propiciando a serra fazer o corte na tora da madeira.



Foto 40: correia. 08/04/2018.

Desfiadeira. s.f.: Máquina utilizada par serrar a pernamanca, o ripão e a ripa.



Foto 41: desfiadeira. 08/04/2018.

Dente da serra. S.T.s.m.: É o instrumento que tornar possível o corte na madeira.



Foto 42: dente da serra. 08/04/2018.

Eixo. s.m.: É o instrumento que mantem a serra firme na bancada da serra, e conecta a serra a polia.



Foto 43: eixo. 08/04/2018.

Estiva. s.f.: Suporte feito de madeira usado para a subida da tora da água para cima do trilho.



Foto 44: estiva. 08/04/2018.

Fixe. s.m.: Estrutura de madeira que mantém o motor da serraria firme, preso, sendo incapaz do motor se desprender.



Foto 45: fixe. 08/04/2018.

Guia da serra. S.T.s.f.: Instrumento que mantém a serra alinhada.



Foto 46: guia da serra. 07/04/2018.

Luva. s.f.: Instrumento que liga o eixo da rabeta a base do rolante do motor.



Foto 47: luva. 07/04/2018.

Mancal. s.m.: Peça que mantem o eixo da rabeta preso ao fixe.



Foto 48: mancal. 07/04/2018.

Motor. s.m.: Máquina responsável pelo funcionamento da serra.



Foto 49: motor. 07/04/2018.

Óleo preto. s.m.: É o óleo descartado do motor e reutilizada na lubrificação de algumas maquinas da serraria.

Óleo dois tempos. s.m.: É o óleo utilizado para temperar a gasolina, colocada no motosserra.

Poço da moinha. S.T.s.m.: Local onde cai a moinha da serragem da madeira.



Foto 50: poço da moinha. 08/04/2018.

Polia. s.f.: Componente que faz movimentar a correia, fazendo a serra girar em alta velocidade.



Foto 51: polia. 08/04/2018.

Serra cega. S.T.s.f.: É quando a serra esta desamolada.

Serra. s.f.: Tem o formato circular, composta de dentes, feita de aço, aplicada ao corte da madeira.



Foto 52: serra. 08/04/2018.

Tramalheira. s.f.: É a abertura existente entre os dentes da serra.

Nota: Se a tramalheira estiver muita aberta, ela como mais a madeira e se ela estiver muito fechada ela trava na tora.

Ver: tramadeira.



Foto 53: tramalheira. 08/04/2018.

Transado. s.m.: É a estrutura feita de madeira que serve de base para ser amontoado a madeira já serrada.



Foto 54: transado. 07/04/2018.

Trilho. s.m.: É a estrutura feita de madeira que serve de base para o carro.



Foto 55: trilho. 08/04/2018.

TRANSPORTE

Boia. s.f.: São uns números menores de toras agrupadas, em torno 20 a 30 toras amarradas umas nas outras.



Foto 56: boia. 07/04/2018.

Búfalo. s.m.: Animal utilizado para puxar as toras de dentro do mato, e jogar na beira do igarapé.

Bujugo. s.m.: Embarcação utilizada para fazer o transporte da madeira sentante da escabeçeira do igarapé.

Termo variante: Buda ou casco.



Foto 57: bujugo. 07/04/2018.

Caminho. s.m.: Espécie de trilha feita no mato para transportar a tora através do largato ou do búfalo, seu tamanho é de 1 metro de largura.

Caratai. s.m.: Componente feito de vara, atrelado ao bujugo para trazer as toras submersas de dentro do igarapé.



Foto 58: caratai. 08/04/2018.

Carregador. s.f.: Pode ser qualquer funcionário da serraria, para fazer essa tarefa, eles carregam as toras quando são finas.

Derriba. v.s.f.: Ato de cortar as árvores quando elas ainda tão de pé.

Termo variante: derruba.

Escabeçeira. s.f.: É o nome dado ao final do igarapé, lugar de difícil acesso, às vezes apenas possível por maré lançante.

Termo variante: piracema.

Igarapé. s.m.: Riacho que nasce na mata e deságua no rio.

Jangada. s.f.: É uma espécie de balsa flutuante composta de 60 a 100 toras de madeira, são amarradas em baixo dessas toras muitas aningueiras, o que torna possível essas toras flutuarem.

Termo Variante: balsa.



Foto 59: jangada. 07/04/2018.

Largato. s.m.: Meio de transporte para deslocar a tora através do caminho, é composto por duas levas e dois toletes.

Leva. s.f.: É uma vara de cinco metros de comprimento.

Ver: largato.

Limpar rama. s.f.: Processo feito com a ajuda do machado e do tesado para cortar os galhos da rama da árvore.

Reboque. s.m.: Embarcação utilizada para puxar a jangada da boca do igarapé até o porto da serraria.

Nota: Pode ser rabeta ou canoa motorizada.



Foto 60: reboque. 07/04/2018.

PRODUTO FINAL DA SERRARIA

Campo da serraria. S.T.s.m.: Lugar utilizado para depositar a moinha descartada da serraria.



Foto 61: campo da moinha. 08/04/2018.

Monte do sarrafo. S.T.s.m.: É o local em que se arrumam as lascas das toras, chamada de sarrafo.



Foto 62: monte de sarrafo. 08/04/2018.

Monte da tábuas. S.T.s.m.: Local em que são arrumadas as tábuas já serradas.



Foto 63: monte de tabuas. 08/04/2018.

Pernamanca. s.f.: Madeira serrada utilizada na construção de telhado de casa, servindo de base para ser pregado o ripão.

Ponta. s.f.: Peça cortado da ponta da tora. *Termo variante:* cepo.



Foto 64: cepo. 07/04/2018.

Prancha. s.f.: É a tora já serrada, que passa a ter o formato esquadrejado.



Foto 65: prancha. 08/04/2018.

Ripa. s.f.: Madeira serrada para uso no telhado das casas.

Nota: Lugar que ira ser sentada a telha.

Ripão. s.m.: Madeira serrada utilizada de base para ser pregada a ripa.



Foto 66: ripão. 07/04/2018.

Tábua de assoalho. S.T.s.f.: É madeira serrada para o uso de assoalho de casas.



Foto 67: tábua de assoalho. 07/04/2018.

Tábua de parede. S.T.s.f.: É a madeira serrada para o uso na parede da casa.



Foto 68: tábua de parede. 07/04/2018.

Tábua de polegada. S.T.s.f.: É a madeira serrada que tem 2,5 cm de espessura.



Foto 69: tábua de polegada. 07/04/2018.

Tábua de virola. S.T.s.f.: Madeira serrada utilizada para fazer a laje na construção civil.

Termo variante: tabua de laje.

Tora. s.m.: É a árvore já limpa, pronta para ser serrada.

Termo variante: rolo.



Foto 70: tora. 07/04/2018.

Considerações Finais.

Este trabalho foi em busca do resgate da linguagem oral utilizado pelos profissionais da serraria tradicional do rio Panacuera no município de Abaetetuba-PA. E também motivado pelo desejo de torna essa especificidade conhecida e arquivada através do campo terminológico, em que a mesma deixa de ser, uma linguagem conhecida apenas pelos profissionais da área, e passar a compor um *corpus* de um trabalho acadêmico, junto com seus termos e variantes lexicais encontradas durante a produção do glossário ilustrado. Tendo como base as ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia, no que consiste o estudo das lexias especializadas.

Dessa forma este trabalho foi muito prazeroso, pois me deixou mais próximo do fazer terminológico, e ao mesmo tempo pude contribuir para a exposição e levantamento dessa área de especificidade já quase extinta em nosso meio. Em que as serrarias hoje existente são quase que todas já mecanizadas, por máquinas de alta eficiência, ocupando o lugar que antes era dos profissionais da área.

Observa-se que ainda há muito a ser feito, no campo da terminologia da serraria tradicional, e que os trabalhos já produzidos não tratam muito dessa produção tradicional, há uma grande carência de pesquisas no setor. Por fim, pretende-se com este trabalho contribuir para o conhecimento da linguagem especializada da atividade da serraria tradicional, sabendo que os estudos terminológicos no âmbito da serraria tradicional ainda são muito raros, mas é de fundamental importância o incentivo para que haja futuras pesquisas nessa área.

Referencias bibliográficas.

- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. Anais do XXXIX Seminário do GEL. Franca, UNIFRAN, p. 182-189, 1991.
- BARROS, Lídia Almeida. Curso básico de terminologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- CABRÉ, M. T. et al. La terminologia hoy: replanteamiento o diversificación. *Organon*, Porto Alegre, v. 12, n.26, p.33-41, 1998.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología*. Barcelona, Editorial Empúries S.A., 1993.
- FAULSTICH, E.L. de J. Sócioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In.: *Ciência da Informação / Terminologia: a disciplina da nova era*. Brasília, V.24, nº 3, 1995.
- FRUBEL, A.C.M. *Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil*. 2006. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.
- KRIEGER, M. G. et al. *Glossário de gestão ambiental*. São Paulo: Disal, 2007 (no prelo).
- KRIEGER, Maria da Graça e FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. -São Paulo: Contexto, 2004.
- Rondeau, Guy. *Introduction à la terminologie*. 2 ed., Gaetan Morin, Québec, 1984, 238 p.
- WEINRICH, H. A. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *MATRAGA*, Rio de Janeiro, ano 13, n.19, p.69-84, 2006.

ANEXOS
JAIRO NEGRÃO NEGRÃO
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – QSL
CAMPO SEMÂNTICO
TERMINOLOGIA DA SERRARIA TRADICIONAL

1. O que é a serraria ?
2. Quais os funcionários da serraria?
3. Quais as ferramentas utilizadas?
4. Quais são os meios de transportes?
5. Quais são os fatores naturais da área?
6. Quais as matérias-primas?
7. Quais os tipos de madeira serrada?
8. Quais são os maquinários utilizados?